

Governo de verdade

O tempo presente, por força do embate político e das agruras da vida cotidiana, nunca favorece o julgamento histórico. A correta avaliação de um governo exige a distância do tempo. A capacidade da crítica se contamina sempre pelo jogo do poder momentâneo. Depois, dissipada a nuvem do habitual, clareia o horizonte.

O período de governo de Fernando Henrique Cardoso será considerado, com certeza, o melhor da história republicana brasileira. No futuro, as realizações do governo tucano serão reconhecidas como um marco na história do país. A estabilidade da moeda, a rede de proteção social e a consagração da democracia, será o tripé inesquecível da era de FHC. Há dois Presidentes da República que deixaram saudades: Getulio Vargas e Juscelino Kubitschek. Com o “pai dos pobres”, nas décadas de 30 e 40 se lançaram as bases do desenvolvimento nacional. O presidente “bossa-nova”, por sua vez, cultivou a democracia e elevou a auto-estima nacional como nunca. Ambos, líderes polêmicos, somente foram reconhecidos décadas após sua morte.

Essa modesta cartilha pretende fazer uma homenagem ao Presidente Fernando Henrique. Um homem de sólida formação intelectual, um caráter virtuoso que veste somente nos grandes homens. Experiente na política, moldado na luta contra o autoritarismo de sempre, desenvolveu o talento da conciliação. Pródigo em somar, nunca em dividir, filho de militares, criou um modo próprio de comandar. Com simpatia.

As virtudes de Fernando Henrique ficaram claras quando, de forma humilde e respeitosa, transmitiu a faixa presidencial ao Presidente Lula. Nunca, na história brasileira, a democracia foi tão valorizada. O poder emana do povo e, havendo liberdade, o voto exprime a mudança e aponta o caminho da esperança.

No poder, o metalúrgico Lula e seu partido, o PT, para desgraça da Nação, romperam essa trajetória civilizante cultivada desde a redemocratização do país. Mostraram-se donos de uma arrogância inimaginável, supondo-se salvadores da pátria. Pior, sujam suas mãos no submundo da política, transformando-se em quadrilheiros.

Pequenos e raivosos, mal tomaram posse os petistas passaram a desmerecer as ações anteriores de governo e, não satisfeitos, a desqualificar as pessoas que participaram ou apoiaram o governo de FHC. Copiando um velho bordão do pior malufismo, inventaram um marketing onde a história do Brasil parece se iniciar com Lula. Pedro Álvares Cabral que se cuide.

A manipulação da opinião pública promovida pelo governo Lula cheira a propaganda nazista. Os discursos petistas e sua campanha publicitária criaram a “mentira oficial”. Dados são escamoteados, informações deturpadas.

Trata-se de uma prática política que tem o objetivo de apagar o passado e iludir a população, tencionando promover uma verdadeira lavagem cerebral. É como acreditar em magia no serviço público.

Fala-se em uma guerra dos números entre o PT e o PSDB. Ou entre os governos Lula e FHC. Nessa guerra com efeitos especiais, mentirosos, a social-democracia perde. Numa disputa limpa, todavia, "realização contra realização", o governo de FHC pode tomar um gol aqui, outro ali, mas vence por goleada.

Essa cartilha demonstra o resultado. Seu objetivo é mostrar números elementares, apresentados de forma simples, para qualquer pessoa, militante ou não do PSDB, compreender. E comparar os governos de FHC e de Lula. Conforme se verá aqui, nós não temos medo dessa comparação.

Ao oferecer essa modesta contribuição ao debate das idéias políticas, não pensa o Instituto Teotônio Vilela carregar a campanha presidencial que ora se inicia com as tintas do passado. Não. Há que se olhar para frente, enxergar o futuro. O PSDB não faz política com retrovisor.

Não admite, porém, que lhe agridam com tolices. Muito menos que, à guisa de manter-se no poder, e se locupletar com ele, venham os petistas e seus arautos desqualificar o governo ou a pessoa de Fernando Henrique Cardoso.

Reafirmamos que o governo do PSDB, com FHC à frente, será reconhecido como o maior de nossa história. E o governo petista, a continuar como agora, será configurado como um interregno no rumo da modernidade. Por isso rapidamente será esquecido. A História dirá quem tem razão.

Sebastião Madeira e Xico Graziano